

Karl A. Wittfogel contra a geopolítica: uma leitura sobre o materialismo geográfico

Breno Viotto Pedrosa

✉ brenoviotto@hotmail.com

Resumo

Esse artigo analisa a posição teórica formulada por Karl August Wittfogel em seu artigo “Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo” publicado no ano de 1929. Nesse texto fundamental, o autor ataca a posição de método dos geopolíticos e dos materialistas, aspirando formular uma interpretação marxista para a análise da relação entre homem e meio. Tal tentativa propõe uma interpretação do pensamento marxiano influenciado pela leitura de G. Plekhanov. Pioneiro em um debate que só será retomado durante a geografia crítica, Wittfogel faz opções de método que persistirão em sua obra.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Karl A. Wittfogel, Marxismo, Geopolítica, Materialismo, Plekhanov.

Introdução

Karl August Wittfogel, um geógrafo que se especializou no estudo da China, ao vislumbrar a ascensão da direita alemã, se engaja na militância política e em suas atividades acadêmicas se posiciona contra o nazismo, o antissemitismo, Hitler e as ideologias conservadoras, dentre elas a geopolítica. Membro do Partido Comunista da Alemanha (KPD) e do Comintern, Wittfogel publica, a partir de 1929, o texto “Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo” lançado originalmente no periódico alemão *Sob a bandeira do marxismo (Unter dem Banner des Marxismus)*. Como destaca Ulmen (1978a, p. 88-92), o texto foi publicado em três partes ao longo do ano de 1929, a primeira criticando a geopolítica, a segunda atacando o que o autor denominou materialismo burguês e a terceira propõe uma interpretação marxista do materialismo e da sociedade asiática.

O texto é publicado em um interlúdio instigante, de um lado em 1927, ocorre o massacre do Partido Comunista Chinês em Xangai sob ordem do *Kuomintang*, partido nacionalista que até então era visto pela URSS como progressista, o que levou a uma revisão sobre a situação política da China e colocou em foco temporariamente as ideias de Wittfogel, notadamente, sua interpretação do modo de produção asiático. De outro lado, a consolidação dos estalinistas no domínio do Estado na URSS provocou uma condenação oficial da ideia de modo de produção asiático em um congresso realizado em Leningrado no ano de 1931. É nesse contexto que o artigo se apresenta, em um momento histórico crucial às vésperas da ascensão do nazismo (ULMEN, 1978a). Tal texto é relevante porque se propõe como uma interpretação geográfica do marxismo – apesar de suas limitações – e porque expõe, como demonstrou Smith (1987, p. 128), interpretações que serão utilizadas pelo autor posteriormente, quando ele se torna um anticomunista radical, sem, contudo, abandonar seu referencial teórico marxista.

No período do entre guerras, o materialismo geográfico tem grande importância para a geopolítica e Wittfogel engajado ativamente no debate tem uma parte do artigo “Geopolítica, materialismo geográfico e marxismo”, de 1929, publicada na *Zeitschrift für Geopolitik* (Revista de Geopolítica, vol. 10, p. 581-591) em 1932. Essa revista concentra o debate sobre a geopolítica e Wittfogel é descrito como um comunista que se interessa por geopolítica e pela teoria burguesa (SILVA, 2007, p. 30; KLEINSCHMAGER, 1988, p. 27).

Dentro da esquerda e no campo do marxismo, Engelbert Graf, James F. Horrabin e Alexander Radó elaboram um materialismo que busca raízes geográficas para a explicação econômica e social, tendo Ratzel como uma importante referência e admitindo a metáfora de que o Estado funciona de forma análoga a um

organismo vivo (WITTFOGEL, 1985). Graf, por exemplo, destaca a importância do espaço vital, um dos conceitos que impulsiona a expansão nazista (BASSIN, 1996, 323-324).

Esse texto, entretanto, é uma peça fundamental da obra de Wittfogel, pois é nesse momento que o autor constrói uma argumentação contra o pensamento geopolítico e *grosso modo* apresenta a sua visão de materialismo geográfico, articulando-o com o método marxista. Nesse período, Wittfogel é membro do partido comunista (KPD) e tenta de maneira clara diferenciar seu pensamento dos sociais-democratas e outras tendências da esquerda. Veremos que no balanço sobre o materialismo geográfico surge o esboço de seu método, sendo que, muitas de suas características serão mantidas e outras poucas abandonadas. Contudo, é possível notar uma tendência que se aprofunda no seu mais célebre livro *O Despotismo Oriental* de 1957. Wittfogel enfoca os aspectos naturais em detrimento de uma construção histórica abrangente dos processos de evolução de cada civilização. Aqui, o método comparativo, tradicional na geografia desde C. Ritter surge com força (WITTFOGEL, 1985; CAPEL, 1981).

Contra Ratzel

Antes de adentrarmos em uma análise do texto, cabe ressaltar que Wittfogel utiliza correntemente o termo “materialismo geográfico”, que sem sombra de dúvidas ele recupera de G. Plekhanov, autor indicado pelo próprio Wittfogel como uma de suas principais influências. Plekhanov, por sua vez, tem uma admiração por Ratzel, indicando uma afinidade que existiria entre este pensador e o marxismo. Wittfogel (1985) relativiza a valorização da obra ratzeliana, construindo uma crítica contumaz ao pensador alemão, pois ele é comumente tomado como o fundador da geopolítica, mesmo que não tenha cunhado este termo, pois foi o sueco R. Kjéllen quem o fez, a partir da influência de Ratzel (SODRÉ, 1976).

Assim, Wittfogel foi um detrator incisivo tanto da geopolítica de esquerda, quanto da de direita. Um dos pontos principais da controvérsia é que o partido comunista alemão (KPD), desde 1928, considera a social-democracia como um dos principais adversários. O esforço pela hegemonia política, em parte promovida pela ala estalinista do *Comintern*, é uma das diretrizes que Wittfogel segue, mas que futuramente se arrependerá. De qualquer forma, ele não deixa de atacar ativamente os geopolíticos nazistas em pleno processo de expansão desse campo de conhecimento.

Dentro do contexto de sua crítica à geopolítica, a análise do pensamento ratzeliano é fundamental. Para Wittfogel, Ratzel cria a aceitação de uma mística da terra que remete à ligação entre homem e natureza, o que acaba por resultar na

naturalização do Estado nacional e da liderança burguesa com objetivos imperialistas. A incorporação do marxismo representa uma tentativa de superar o darwinismo social presente no pensamento de Ratzel e passar para uma análise mais abrangente das condições da produção social. Contudo, como geógrafo, Wittfogel não deixa de considerar os elementos naturais do trabalho e da produção, pois seria justamente este par dialético que comporia a economia e, por sua vez, a sociabilidade histórica do homem. Dessa forma, a luta de classes ganha uma dimensão eminentemente econômica, ligada à apropriação da natureza, que fundamenta todo tipo de propriedade privada, diferentemente do darwinismo social que interpretara a luta de classes de maneira homóloga à luta pela sobrevivência animal.

Paralelamente, Wittfogel (1985, p. 24) demonstra como os intérpretes do pensamento ratzeliano tendem a tratar a raça como elemento condutor de todos os processos sociais. Nesse sentido, a geopolítica, como analisada por Wittfogel, pode ser encarada como um complemento à ideologia democrático-burguesa englobando uma ala que vai de Halford Mackinder aos sociais-democratas alemães, passando pelos fabianos ingleses (WITTFOGEL, 1985, p. 22; TUATHAIL, 1996, p. 145). Seguindo a linha de seus outros trabalhos que versaram sobre ciência e ideologia, nosso autor desvenda claramente o conteúdo de classe da geopolítica ascendente como um conhecimento que representa os interesses econômicos das classes dominantes, para isso, ele utiliza a teoria leninista do imperialismo para demonstrar os interesses implícitos ao colonialismo.

De qualquer maneira, Ratzel e Richthofen são analisados por Wittfogel como autores plenos de elementos inconscientemente críticos justamente, em função de sua afinidade com uma abordagem materialista (WITTFOGEL, 1985, p. 23). O mesmo vale para geopolítica que possui elementos materialistas, mas acaba reduzindo a análise social aos aspectos puramente políticos, sem considerar as determinações econômicas, que por sua vez seriam condicionadas por elementos naturais. Se de um lado, Ratzel enfatiza o solo e a povo que se adapta a partir de uma situação geográfica, de outro, ele dá pouco relevo à produção material de mercadorias. Ao naturalizar o crescimento do Estado, Ratzel equivale o funcionamento do Estado primitivo ao do moderno, projetando as relações de rivalidade e domínio territorial na esfera política, colocando aspectos econômicos em segundo plano.

Wittfogel (1985, p. 25) tem clareza que o trabalho é o primeiro processo constituinte da relação entre homem e natureza, já Ratzel considera apenas o solo como fator geográfico, dando menor ênfase ao trabalho. Isso leva a uma concepção abstrata, por exemplo, a respeito do processo de formação do Estado.

Ao analisar o pensamento de Graf, social-democrata ligado à geopolítica de esquerda, Wittfogel demonstra que suas ideias estão mais fundamentadas em Ratzel do que em Marx, o que o leva finalmente a perguntar como seria possível o surgimento de um Estado sem existirem trabalhadores ou uma divisão de classes sociais.

Para Wittfogel (1985, p. 26), o foco deveria estar na funcionalidade orgânica da produção e não apenas na formação do Estado e suas fronteiras, ou seja, o expansionismo dos Estados tem como pano de fundo uma necessidade econômica, não se constituindo como um movimento natural. Wittfogel (1985, p. 26) também discorda de Ratzel no tocante ao papel dos grandes rios históricos, pois, para o segundo, os leitos caudalosos teriam uma função predominante comercial e para Wittfogel, eles fomentariam, primeiramente, a agricultura. Os rios seriam então grandes forças produtivas, monopolizadas pelo Estado, que teria a capacidade de aumentar exponencialmente a produção agrícola através da irrigação. Essa é uma das concepções centrais defendidas em o *Despotismo*, que, diga-se de passagem, não está isenta de críticas, uma vez que nem sempre a irrigação foi controlada pelo Estado, nem sua consolidação significou necessariamente um processo de centralização política (CARDOSO *et al.*, 1990).

Como demonstra Tuathail (1996, p. 17), no contexto dos anos 1930 e da ascensão do nazismo, para a direita alemã, a geopolítica era a arma perfeita: ela reduz os problemas sociais às questões políticas, é eminentemente antimarxista e antieconômica, podendo ser, portanto, direcionada para os mais diversos inimigos em várias escalas geográficas. A geopolítica coloca no líder e no programa do partido a solução da questão nacional, ou seja, a superação de determinados problemas remetem diretamente à vontade e ao direcionamento político. Paralelamente, o imperialismo e a expansão colonial são despolitizados, porque são vistos como processos naturais de competição entre Estados que ocupam um espaço limitado. Para Tuathail, Ratzel mistura sua antropogeografia e biogeografia quando defende que: “O estado está inscrito como uma entidade competidora cuja sobrevivência e crescimento depende de sua capacidade de se adaptar, de maneira exitosa, às novas tecnologias e habilidades que possam explorar o meio ambiente em sua máxima extensão” (TUATHAIL, 1996, 54)¹.

Sendo assim, a leitura de Wittfogel é que a geopolítica seria uma forma reacionária de materialismo geográfico, que poderia, segundo algumas interpretações, se pautar na predestinação divina de algumas nações, o que

1 Tradução nossa, assim como as demais referências em língua estrangeira no decorrer do texto.

remonta ao pensamento de Ritter (CAPEL, 1981), uma influência importante na construção do pensamento ratzeliano.

Contra os geopolíticos conversadores e de esquerda

Nesse contexto, Wittfogel (1985) ao problematizar os trabalhos dos geógrafos e geopolíticos que lhe são contemporâneos se depara com a questão chinesa de maneira direta e indireta. Haushofer, um dos grandes sistematizadores da geopolítica alemã, tem grande interesse pelo Japão, China e pelo Extremo Oriente e apesar de ele e Wittfogel terem posições políticas opostas, ambos reconheciam seus trabalhos do ponto de vista científico. O trabalho de Haushofer é apresentado, como uma espécie de relatório sobre o clima, as formas de agricultura, de colonização e o processo de miscigenação de raças, o que para Wittfogel (1985, p. 29) se configura como uma falta de método de análise, mesmo que Haushofer empregasse alguns elementos do pensamento de Ratzel. Assim, Haushofer em muitos casos deu subsídios para o neoimperialismo na Ásia – o caso mais explícito é o do Japão, país onde cumpriu missões enquanto era militar –, defendendo o projeto de que mais colônias significariam mais matérias primas e mercado consumidor.

Devemos nos lembrar de que Haushofer ganhou fama ao defender a ideia de divisão regional do mundo a partir de grandes recortes espaciais liderados por um país principal e sua respectiva área de influência. Nesse sentido, o Japão é visto por Haushofer como um líder possível de um dos grandes blocos regionais ou panregiões que abarcavam grande diversidade de climas e ecossistemas, visando com isso a autarquia dos países líderes ou dominantes de cada bloco (LOSANO, 2008, p. 451).

Wittfogel critica Richthofen por associar clima ao caráter intelectual dos povos, o que demonstra uma postura crítica ao determinismo fatalista. No decorrer de sua análise, Wittfogel dá outros exemplos de tal fato, todavia, este será um argumento evocado para demonstrar que o materialismo geográfico clássico – ou seja, aquele que não está ainda integrado ao marxismo – está exposto às explicações que geram um curto-circuito. Sinteticamente, o curto-circuito seria uma espécie de explicação tautológica, ou seja, o aspecto natural se reflete em algum traço social e ambos se justificam, pois tais indicações não passariam de determinações arbitrárias. Defendendo que o homem poderia sucessivamente se tornar o mestre da natureza, Wittfogel coloca que os geógrafos não correlacionaram os fatores naturais e não deram ênfase aos padrões de mudanças históricas (ULMEN, 1978a, p. 91).

Paralelamente, as considerações de Wittfogel (1985, p. 30-34) sobre Graf e Horrabin, seriam basicamente as mesmas, pois ambos seriam influenciados demasiadamente pelo materialismo burguês e, portanto, estariam distantes de uma visão vinculada ao método marxista. Para ele, isso representa a decadência da Segunda Internacional e da social-democracia e, defendendo sua posição de comunista alinhado às políticas da URSS, Wittfogel (1985, p. 32) é a favor da ditadura do proletariado ao invés da educação do povo para a democracia, uma posição defendida, por exemplo, por Karl Kautsky e seu antigo colega Karl Korsch.

Assim, Horrabin, que não era geógrafo, é traduzido por Wittfogel para o alemão na tentativa de compreender sua visão sobre a relação entre homem e meio. O pensador inglês, entre 1930 e 1940, participou do *Fabian Colonial Bureau* (que poderíamos traduzir livremente como Escritório Colonial Fabiano), que defendia o desenvolvimento positivo dos territórios do império inglês, oferecendo bem-estar a todos os povos. Apesar de Wittfogel caracterizar seu pensamento como reflexo da vertente burguesa, ele admite a capacidade de Horrabin de identificar as interconexões entre os fatores naturais, seu desenvolvimento histórico e sua reverberação na economia política (HEPPLE, 1999, p. 80-98). Entretanto, ele não deixa de criticar suas análises e as de Graf que, por exemplo, consideram a falta de comunicação como o elemento mais importante na queda do Império Romano, desconsiderando os fatores econômicos (WITTFOGEL, 1985). Como se pode observar até agora, a postura de Wittfogel é sempre pela defesa da primazia dos aspectos econômicos como os elementos mais relevantes da história e do desenvolvimento social.

As bases do materialismo

Após fazer toda crítica à geopolítica, e, de uma forma geral, ao pensamento de Ratzel, a segunda parte do texto de Wittfogel se dedica à recuperação histórica do materialismo burguês ligado ao pensamento dos iluministas. Montesquieu, Holbach e outros são elogiados, pois buscam na natureza a explicação para aspectos materiais da sociedade. Wittfogel também aborda a obra de Herder, Hegel, Kant, Ritter, dentre outros, no entanto, sua avaliação é de que a presença de elementos ideológicos e teológicos na filosofia alemã teria dificultado o desenvolvimento teórico do materialismo geográfico. Para Tuathail (1996, p. 146), Montesquieu teria um peso na formação dessa visão geopolítica, que usa o materialismo geográfico. Esse autor, célebre por seu *O espírito das leis* ficou conhecido pelo determinismo climático e geográfico, ou seja, certas características do meio influenciam o desenvolvimento social.

Dessas referências clássicas, depreende-se a ideia de que existe uma necessidade de irrigação nas sociedades orientais, mais precisamente, na Índia, China, Egito e Mesopotâmia, concepção que ao lado da ideia de “despotismo oriental” tem profundas raízes do imaginário geográfico europeu sobre as sociedades orientais. Dessa longa tradição, Wittfogel valorizou especialmente Montesquieu e Hegel: o primeiro, transcendendo o determinismo climático, foi capaz de “relacionar a dependência da condição política de uma população à geografia da área que ela ocupa e às formas sociais e econômicas que ela desenvolveu” (ULMEN, 1978a, p. 91), conclusão decerto controversa em função do flagrante determinismo de seu pensamento. Já Hegel foi capaz de evidenciar o vínculo entre as formas de vida e o meio geográfico, sendo este o fundamento do trabalho humano.

De qualquer forma, o balanço desses pensadores ajuda Wittfogel (1985, p. 38-39) a identificar os três elementos que são obstáculos para o desenvolvimento do materialismo geográfico:

(1) existe o método “em bloco” que se refere a todos os elementos naturais sem demonstrar com clareza qual seria o fator predominante em cada etapa histórica. Faltaria então uma sistematicidade ao analisar a relação homem-natureza, pois é imperativo inserir a esfera econômica para descobrir qual é o elemento natural básico de uma determinada formação social. Essa ideia claramente será usada futuramente, uma vez que Wittfogel, em o *Despotismo*, insiste com vigor no caráter hidráulico-agrícola do mundo não europeu.

(2) O método em curto-circuito, que comentamos acima, seria uma explicação tautológica que se recusa a identificar a relação entre os fenômenos determinantes de uma sociedade.

(3) O terceiro e último obstáculo é a perspectiva emancipadora, uma vez que, para Wittfogel, do ponto de vista natural, o homem nunca se livrará completamente da natureza e de sua influência. Contudo, é necessário construir uma relação dialética entre homem e natureza, um elemento que o autor, por vezes, subestima ao considerar demasiadamente a importância dos elementos naturais. Como dissemos a técnica, muitas vezes é apresentada como um elemento secundário, apesar de Wittfogel ressaltar a

importância do tema da difusão cultural enunciado por Ratzel². Smith (1987, p. 134) constrói esse paralelismo quando ressalta que Ratzel e Wittfogel consideram o fato de as mudanças históricas não abolirem o caráter natural das sociedades, mas inaugurarem uma nova e mais elevada forma de relação, ou seja, nesse ponto é possível conciliar o pensamento dos dois autores, notadamente a máxima ratzeliana de que quanto maior o desenvolvimento tecnológico, maior é a dependência da sociedade em relação à natureza.

Dessa forma, como bem demonstrou Smith (1987, p. 130) sua postura é contraditória: Wittfogel coloca que os desenvolvimentos históricos e econômicos libertam as sociedades das limitações impostas pela natureza, contudo, quanto maior o desenvolvimento das forças produtivas, maior a dependência do substrato natural, que em última instância passa a ser um fator determinante da ampliação das forças produtivas. Dessa maneira, de um lado, Wittfogel admite que as mudanças históricas são sociais, mas de outro dependem do fator geoeconômico que mesmo sendo passivo é o substrato necessário para o trabalho humano.

Tal contradição se deve em parte à influência intelectual de G. V. Plekhanov. Mesmo que Wittfogel tenha minorado o darwinismo social afim ao seu pensamento, fica evidente que ele reproduz a ambiguidade de seu materialismo geográfico. Dessa forma, Plekhanov:

(a) mostrou esses fatores [geográficos] como influentes no desenvolvimento histórico por meio de seu impacto em retardar ou acelerar o crescimento das forças produtivas; e (b) demonstrou que a influência dos fatores geográficos era algo variável, decrescendo conforme o homem desenvolve suas forças produtivas e seu concomitante domínio da natureza. Entretanto, eventualmente Plekhanov errou na direção de uma superestimação do papel dos fatores geográficos, os vendo como a causa última do próprio desenvolvimento das forças produtivas (SAWER, 1974, p. 118).

Dessa forma, mesmo que Wittfogel tente se livrar do curto-circuito tautológico do materialismo burguês, sua proposta interpretativa fortemente influenciada por Plekhanov acaba de certa forma reproduzindo o determinismo

2 Posteriormente, Pierre George (1978, p. 3-28), em uma reedição do seu livro sobre geografia econômica, demonstra que os recursos naturais e a posição geográfica tem apenas um “valor relativo”, dependendo de fatores históricos, contextos sociais e da técnica para sua exploração e distribuição. Pensamos que a visão de Pierre George é mais adequada e realista, uma vez que o desenvolvimento das forças produtivas é o elemento que modula a instrumentalização da natureza.

geográfico, pois remete em última instância aos fatores geográficos como determinantes do desenvolvimento das forças produtivas. Cabe lembrar que Plekhanov foi um grande divulgador e vulgarizador da obra de Marx e Engels, popularizando o uso do termo materialismo dialético, além de ser simpático ao darwinismo e a uma análise total que considera leis naturais e históricas em conjunto.

A disposição de que o meio pode acelerar ou atrasar o desenvolvimento histórico oferece a Wittfogel uma justificativa sobre ao atraso do oriente. Plekhanov, por exemplo, justifica o atraso da Rússia devido à baixa variabilidade das estepes e planícies de seu território, ou seja, a pobreza natural da paisagem gera uma baixa divisão social do trabalho, que resulta nas comunas russas baseadas em uma produção para a subsistência (SAWER, 1974). De acordo com Sawyer (1974, p. 120), Plekhanov ao usar uma analogia naturalista baseada no darwinista H. Spencer “(...) falhou em compreender a visão de Marx do meio natural como o produto histórico do homem, não um dado externo o qual o homem tem que se adaptar”.

Wittfogel sem sombra de dúvidas retoma a interpretação de Plekhanov baseado em uma leitura da crítica que Marx e Engels fizeram a Feuerbach no livro *A Ideologia Alemã* (1846), que no início do século XX havia sido redescoberto por David Riazanov, organizador das obras completas de Marx e Engels. Como indica Smith (1987), Wittfogel destaca a continuidade que Marx e Engels estabelecem entre o mundo natural e o social, bem como a dependência que se estabelece entre as esferas social e natural do trabalho, contudo, é pouco razoável admitir que os fatores geoeconômicos conduzam as forças produtivas em última instância, ou seja, que a presença de determinados elementos no meio conduzam a história de determinadas sociedades.

Em 1929, Wittfogel (1985, p. 40) é menos fatalista em seu determinismo do que no seu livro *O Despotismo Oriental*, deixando claro que a apropriação e transformação dos fatores naturais dependem da eficiência do todo produtivo de uma sociedade. Ele chega até mesmo a reconhecer a relevância da manufatura têxtil oriental, mesmo que ela não seja essencial em sociedades como a chinesa e a indiana. Contudo, ele não admite que essas oficinas foram importantes para a revolução industrial europeia. É importante destacar aqui que o conceito de modo de produção para Wittfogel, não é exatamente fiel ao de Marx:

Marx oscilou em sua ênfase no modo de produção e ‘relações de produção’ (*Produktionsverhältnisse*). Às vezes ele fez da ‘propriedade’ (*Eigentum*) ou ‘relações de propriedade’ (*Eigentumsverhältnisse*) seu

critério chave, como no *Grundrisse* de 1857/58. Wittfogel nunca oscilou em sua ênfase na importância primária do modo de produção e, ademais, ele reconheceu que um dado modo de produção pode ser compatível com mais de uma forma de propriedade. [...] Wittfogel definiu o modo de produção como ‘o real processo de produção’ ou a totalidade dos elementos essenciais em ‘metabolismo’ (*Stoffwechsel*) do homem e da natureza sob o impacto do polo material do processo (ULMEN, 1978a, p. 93).

Ulmen, além de demonstrar essa nova interpretação do conceito marxiano, expõe bem o novo curto-circuito proposto por Wittfogel: a produção da natureza tem uma qualidade social sob condições históricas específicas “todos os poderes sociais de produção estão condicionados pelos poderes naturais que se tornam efetivos durante o processo de produção” (ULMEN, 1978a, p. 94), o que a nosso ver acaba por colocar um peso exacerbado no fator geoeconômico. Wittfogel despreza o raciocínio de Marx da necessidade de se identificar múltiplas determinações para compreender o processo histórico.

Retomando o fluxo de ideias de seu artigo, após fazer sua proposta de materialismo geográfico marxista, Wittfogel (1985, p. 46) delinea uma linha do tempo evolutiva, analisando sucintamente sociedades primitivas, pré-capitalistas e o capitalismo industrial e, concomitantemente, analisa as forças produtivas, os meios de produção e os objetos de trabalho como elementos classificatórios dessas sociedades. Novamente, a irrigação e sua capacidade de corrigir a fertilidade do solo surgem como elementos fundamentais para sociedades pré-capitalistas especialmente na Ásia.

Chama atenção seu tratamento da variável técnica: “O devir das forças produtivas sociais, centralmente aquele do seu núcleo objetivo, a técnica, é determinado pela sua respectiva estrutura de fator natural recente” (WITTFOGEL, 1992, p. 75), ou seja, mesmo que a técnica seja considerada, ela é secundária ao contornar os problemas naturais da produção. As forças produtivas são condicionadas pela natureza, as relações de produção pela sociedade, claramente, os meios de produção e as relações de propriedade seriam uma mistura dos dois termos (WITTFOGEL, 1992, p. p. 75-80).

Oriundo desse posicionamento de método, Wittfogel (1985, p. 56) oferece uma classificação dos tipos de sociedade oriental, ou ainda, de países pré-capitalistas que teriam uma farta produção agrícola devido à efetividade de seu poder de irrigação, a saber:

(1) Encontraríamos as sociedades de tipo egípcio, ou seja, isoladas, com grandes construções fruto do trabalho coordenado, com um substrato administrativo que mistura as esferas secular e religiosa. Para esse tipo de sociedade, Wittfogel cita a resenha que Plekhanov faz do livro de Léon Metchnikoff, *La civilisation et les grands fleuves historiques*, de 1889, destacando sua importância. Sobre a China, Wittfogel constrói uma imagem negativa de Confúcio, mencionando que sua ação no império chinês seria o de combate às frações militares, o que, na prática, significaria ir contra o feudalismo. Da mesma forma, ele admite a possibilidade de relações muito semelhantes às feudais nessas sociedades, no entanto, não analisa até as últimas consequências o papel do trabalho de corveia.

(2) Ao mesmo tempo, existem as sociedades de tipo japonesas, de pequeno porte territorial, trabalhos de irrigação pontuais e com forte presença dos elementos feudais militares, o que contraria os preceitos do confucionismo.

(3) Por último, temos o tipo indiano, uma sociedade em que os trabalhos hidráulicos têm importância relativa, pois, de um lado, temos um grupo social responsável pela administração das grandes obras, e, de outro, uma casta militar, formando um par antagonista que se alterna no poder, constituindo a classe dominante. A classificação desses tipos sofre drástica transformação em *O Despotismo Oriental*.

Repercussões da interpretação marxista

Após criticar os iluministas, Wittfogel parte para uma terceira linha de argumentação ligada à economia política, recuperando os autores clássicos, enfatizando principalmente o pensamento de Marx. Como vimos, o quadro natural ofereceria os materiais a serem apropriados pelo trabalho humano em um determinado modo de produção, o que compõe sua economia. Wittfogel (1985, p. 25) evoca a obra de Marx para lembrar a existência de um metabolismo no processo de trabalho que está condicionado, em parte, aos ritmos da natureza. A interpretação de Wittfogel acerca da ênfase dada ao quadro natural, em grande parte, se deve à importância atribuída à agricultura e às matérias primas como base “natural” da economia em vários modos de produção. Ao relembrar o pensamento de Lênin, Wittfogel ressalta que os recursos naturais são distribuídos desigualmente e que os preços dos produtos primários acabam por reverberar em todo processo produtivo, inclusive nos salários e nos preços finais. Sendo assim, o valor das

mercadorias seria constituído pelo trabalho e, também, pela sua frequência de incidência na natureza (WITTFOGEL, 1985, p. 39).

O desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra teve como ponto de partida as mudanças na dinâmica do campo e, no caso chinês, a irrigação significaria a fundação de uma base agrícola produtiva capaz de sustentar a expansão demográfica e unificar o poder estatal. Nesse sentido, Wittfogel (1985) leva demasiadamente a sério a base agrícola para constituição de outras atividades econômicas da mesma forma, por exemplo, que Adam Smith. Enquanto a sociedade asiática teria sua casta administrativa baseada exclusivamente no poder de coesão sob a esfera produtiva da agricultura, a burguesia ocidental se pauta no controle e dominação da indústria, superando a fase de hegemonia agrária a partir do fim do feudalismo.

A relação entre homem e natureza, segundo a interpretação de Wittfogel (1985, p. 41) cria novas necessidades, assim como, o surgimento do trabalho funda a história. Porém, o processo de trabalho altera o homem e a natureza, pois é bem conhecida a ideia de Marx de primeira e segunda natureza – a primeira natureza é o quadro material herdado, e a segunda natureza se refere à transformação de tal quadro (MARX, 2006, p. 100-137). Além disso, Wittfogel destaca o surgimento de um segundo homem forjado pela apropriação subjetiva e objetiva do quadro natural, pois mesmo a divisão sexual do trabalho é desafiada no início da revolução industrial com o emprego massivo de crianças e mulheres em processos produtivos insalubres.

De qualquer forma, persiste a ideia de que a terra oferece o arsenal de materiais para a produção na indústria e na agricultura, ou seja, sem matérias primas como água, carvão, ferro, etc, o homem não pode subsistir. Entretanto, nosso autor problematiza pouco o papel das técnicas, pois, certamente, o uso da água irrigada pode ser importante para a formação de grandes densidades populacionais em áreas semiáridas, porém, talvez a domesticação dos animais e seu emprego na agricultura seja tão importante quanto a irrigação para o desenvolvimento da agricultura no mundo.

Independente dessas elucubrações é evidente que Wittfogel recupera uma temática que Marx desenvolveu nos *Manuscritos econômicos filosóficos*, de 1844, a ideia de que as relações entre homem e natureza são instáveis e fluídas. Agrega-se a esse quadro a concepção de que apenas no socialismo o homem poderia superar o estranhamento para com a natureza, ou ainda, que o socialismo possibilitaria uma apropriação da natureza e uma divisão social do trabalho mais justa (WITTFOGEL, 1985).

Diante de todos esses elementos, o pano de fundo da preocupação de Wittfogel (1985, p. 47) é uma concepção que poderíamos, sem grande dificuldade, encontrar no pensamento de Ratzel: quanto mais avançadas as forças produtivas, maior a significância dos elementos naturais na produção social. Assim, a especificidade do capitalismo monopolista seria o controle da produção das matérias primas orgânicas e inorgânicas, o que coloca a agricultura em dependência do capital industrial monopolista (WITTFOGEL, 1985, p. 47). Assim, o avanço da técnica aumenta a disponibilidade e a necessidade de recursos naturais, uma mudança que transforma toda a gama de relações dialéticas que enredam a sociedade (WITTFOGEL, 1985, p. 57).

Mesmo que mediada, a dependência da natureza persiste, o que significa que o preço de alimentos e matérias primas têm relação direta com as taxas de lucro, com os salários e os processos de acumulação do capital. O foco exacerbado na esfera da produção, não faz com que nosso autor considere as esferas da circulação e da distribuição postas por Marx, pois o capitalismo como um modo de produção que se projeta em escala mundial acaba por afetar todos os países em longo prazo. Entretanto, de acordo com seu raciocínio que considera os fatores naturais, os alimentos teriam um peso fundamental, pois eles são o sustento necessário para os trabalhadores que extraem as matérias primas, o que denota, explicitamente, a temática da mais-valia relativa. Paralelamente, quanto maior o volume ou a produtividade de alimentos e matérias primas, menor o seu preço.

Wittfogel (1985, p. 49) recupera trechos de Marx em que encontramos uma concepção muito semelhante a de Reclus, cujo avanço do homem pode significar ao mesmo tempo, um retrocesso, tendo em vista, por exemplo, a extração de madeira e mineral que aumenta os objetos de trabalho, mas exaure a floresta ou a mina de extração. Assim, em função da própria fertilidade do solo e da desigualdade dos recursos naturais, nunca a agricultura terá uma produção homogênea. O reino da necessidade não terminaria para Wittfogel, ele se expande e nunca finda, sendo a liberdade humana construída em torno das necessidades naturais básicas.

Além disso, nosso autor também se debruça sobre a localização e o isolamento na composição dos preços, um elemento que, certamente, influencia a composição do capital e que repercute na temática do imperialismo, pois, sucintamente, a localização direciona os interesses da política imperialista. A partir dessa perspectiva, a estagnação chinesa é compreendida a partir de seu isolamento geográfico, de sua estrutura agrária e de sua relativa unidade interna que constituiu barreiras, destruídas apenas pelo estabelecimento de relações capitalistas com o ocidente (WITTFOGEL, 1985, p. 52). Claramente, Wittfogel não problematiza a rota

da seda ou a tradição comercial chinesa, além do mais, o autor constrói uma cisão profunda entre a manufatura e a indústria.

A ideia de natureza

Outra forma de análise que aparece no artigo de 1929 e que se aprofunda em o *Despotismo* é o fato de Wittfogel se referir à história, mas sem fazer uma recuperação longa de seu processo. Wittfogel menciona períodos de civilizações diferentes e os compara pontualmente, no entanto, não intercrusa os seus processos de formação de maneira ampla. Tal postura privilegia a abordagem dos efeitos naturais na história em detrimento do quadro histórico herdado por cada grupo na sua constituição social. Por exemplo, mesmo que Wittfogel reafirme que a situação geográfica da Inglaterra era diferente durante o império Romano e contemporaneamente a Cromwell (WITTFOGEL, 1985, p. 57), nos parece que em seu método de análise ele tem dificuldade para elucidar concretamente a continuidade e os processos históricos que refletem as transformações ocorridas nesse território. Além do mais, uma dinâmica de novas formas de produção a partir da natureza ocorre no capitalismo moderno, enquanto nas sociedades pré-capitalistas encontramos uma situação de estagnação, provocada pelo isolamento geográfico. Fica claro que o isolamento ou o contato social como elemento evolutivo pode também ser associado, sem dificuldade, ao pensamento ratzeliano, mesmo que essa ideia esteja contida em várias passagens do pensamento marxiano, elucidando especificamente a relação entre o mundo capitalista e as sociedades tradicionais.

A conclusão de Wittfogel é que a história tem um polo passivo que é a natureza e um polo ativo que é o do trabalho humano. Segundo o autor:

Marx demonstra n'ó *Capital* que um meio ambiente natural distinto resulta em um modo de produção e modo de vida distinto, e que 'as variações e matizes' de uma dessas formações fundamentais, de uma mesma ordem econômica, pode ser apreendida apenas pela análise das condições empíricas (WITTFOGEL, 1985, p. 54).

O enfoque exagerado nos aspectos naturais faz com que Wittfogel lide pouco com a natureza socializada, mesmo que ele destaque que o homem faz a história em condições que não escolheu. Lukács, nesse sentido, se encontra em uma posição diametralmente oposta a de Wittfogel, dizendo que a única natureza existente é a socializada. Independente da controvérsia com Lukács, Wittfogel deixa claro que sem o polo ativo da sociedade, teríamos uma massa de matéria inerte, sem movimento histórico (WITTFOGEL, 1985, p. 59). Nosso autor faz essa

afirmação sem contrapô-la à estagnação das sociedades orientais, portanto, não fica claro se em tais sociedades o polo inativo, isto é, a natureza, sobrepujaria o polo ativo.

Lúkacs e Wittfogel se conheciam desde o início da década de 1920, ambos eram membros do Partido Comunista da Alemanha (KPD), sendo possível estabelecer paralelos interessantes sobre suas carreiras. Wittfogel na juventude escreve peças de teatro e reflexões sobre a arte e sociedade burguesa, que tiveram alguma repercussão e Lúkacs refletiu sobre a estética e a teoria marxista. Ambos foram fortemente influenciados por Karl Marx e Max Weber, contudo, enquanto Lúkacs foi mais influenciado pelo neokantismo advindo de Weber, Wittfogel se deixou levar mais pelo positivismo, notadamente em função de Plekhanov (ULMEN, 1978a, p. 39-40).

Em 1966, Lukács retoma esse debate ao comentar a obra póstuma de N. Bukharin. O russo tem uma posição diferente tanto de Lukács, quanto de Wittfogel, pois ele considera a tecnologia como um elemento primordial na evolução e na composição da sociedade. Bukharin tem um pensamento sistemático com um esquema evolucionista da história e se muniu de muitas fontes comuns a Wittfogel como Engels, Plekhanov e Mehring. Mesmo que ele evite o naturalismo nas relações sociais, a posição conferida à tecnologia é determinante. Lukács (1966) critica seu esquematismo e identifica um apego exacerbado ao materialismo burguês, sendo necessário superá-lo como Marx fez para constatar que os problemas ligados às questões sociais e econômicas derivam, em última instância, das relações entre os homens, sendo estas, portanto, o fundamento da sociologia. Assim, mais uma vez, o foco na natureza encaminha a análise para o fetichismo e para a falsa objetividade. Em contrapartida, Wittfogel diz que a abordagem de Lukács é idealista por desconsiderar o materialismo (ULMEN, 1978a, p. 102).

Segundo Lukács, mesmo que Bukharin não leve o fetichismo até as últimas consequências, elencar a tecnologia como fator evolutivo da sociedade significa utilizar um fator fixo para explicá-la, porém ela é essencialmente dinâmica, ou seja, a tecnologia não é algo estático e nem pode ser separado da ideologia ou vista apartada de uma estrutura socioeconômica. A técnica só existe dentro de um contexto, pois se a divisão do trabalho muda a sociedade, também, se transforma. O avanço tecnológico só surge se existirem os pré-requisitos sociais adequados dentro de uma determinada sociedade, o que torna a metodologia de Bukharin interessante, porém falsa.

Por fim, Lukács (1966, p. 4) caracteriza o método de Bukharin como “materialismo contemplativo”, que ao invés de criticar a metodologia das ciências naturais como resultado do processo de desenvolvimento do capitalismo, usa

alguns de seus aspectos sem uma crítica histórica e dialética. Apesar das diferenças, nos parece que Wittfogel incorre no mesmo erro, contudo, é interessante perceber aqui que Lukács reafirma o caráter sociológico, e não geográfico, de seu interesse analítico. Sendo assim, mesmo diante da querela do fetichismo, não nos parece correto pensar a sociedade como algo apartado da natureza, que como destaca Wittfogel faz parte de sua condição existencial. Em contrapartida, pensamos que Lukács está correto ao pensar a crítica ao método das ciências naturais ou do materialismo burguês do século XVIII e da XIX, coisa que Wittfogel faz apenas de maneira limitada. Tal crítica releva, como afirmou Lúkacs e apontou Smith (1987), que a produção social da natureza deve ser compreendida dentro de suas condições históricas, algo que Wittfogel não faz completamente.

De uma forma geral, a técnica para Wittfogel (1985, p. 55) deve ser posta em suspensão, pois ela também pode ser um elemento que dificulta a percepção das influências naturais na sociedade. Essa postura nos parece um exagero, pois é justamente a técnica quem possibilita a natureza socializada, pois ela é quem sedimenta o trabalho humano que molda as paisagens.

Considerações finais

Mesmo tendo em vista a problemática, não é possível negar o pioneirismo do artigo de Wittfogel em função de sua profunda erudição a respeito do pensamento de Marx e pela ênfase dada a uma visão materialista da geografia. Mesmo que Wittfogel não consiga se desprender de uma análise que remete ao determinismo natural e econômico, fica evidente a alternativa construída para o darwinismo social e para a geopolítica. Em nossa opinião, o avanço técnico e suas realizações como, por exemplo, no campo do transporte e das telecomunicações, relativiza as determinações do meio, apesar de nossa dependência das contingências naturais. Em última instância, Wittfogel não considera a capacidade humana de encontrar soluções para limitações da natureza. Da mesma forma, de maneira incipiente existe a concepção que o Oriente é, de forma geral, um grupo de civilizações estagnadas sujeitas a um tipo limitado de relação com a natureza – no caso, a agricultura irrigada. No entanto, o leitor atento ao artigo de 1929 encontra muitos temas que só serão desenvolvidos e apropriados pela geografia a partir da geografia crítica.

Neil Smith (1987, p. 128) fazendo uma reflexão sobre a recuperação de Wittfogel por parte da geografia crítica, durante a década de 1980, ressalta que boa parte da posição de método apresentada em 1929 se mantém em *O Despotismo Oriental*. Mesmo que Wittfogel apresente, neste momento, o marxismo como uma alternativa adequada ao determinismo ratzeliano, ao materialismo burguês da

geopolítica e ao idealismo, fica evidente que a crítica a Montesquieu é limitada. Para Smith (1987, p. 130), Wittfogel demonstra que, no pensamento dos autores do século XIX, o meio geográfico era visto de forma indiferenciada e minimizou que, com o passar do tempo, o trabalho é o elemento mais importante na formação e transformação da sociedade e do meio. Nosso autor discute pouco a natureza produzida socialmente, remetendo com frequência à natureza primitiva.

Posteriormente, Wittfogel discute a difusão da técnica, que tem maior ou menor eficiência de acordo com o quadro natural e acompanha em alguns casos a disseminação de modos de governança e instituições políticas. É o caso, por exemplo, da China, que difunde seu modo de vida (tecnologia e forma de governo) para o Vietnã e instaura neste país o despotismo e o modo de produção asiático. Antonio (1982, p. 187) relembra que o modo de produção para Wittfogel abarca as forças produtivas, as relações de produção e várias formas de propriedade. Da mesma maneira, sua concepção de modo de produção, também, admite que as relações de produção possam ser passadas de forma derivada de um modo de produção para outro (GREFFRATH *et alli*, 1980, p. 148).

A acusação de que Wittfogel seria determinista não é incomum e existe uma contradição delicada no tocante a isso. Se por um lado, ele critica Ratzel por seu determinismo e sua adoção da mística do solo e sangue, por outro, ele incorpora os pontos de vista de Plekhanov, sem em nenhum momento, demonstrar que o russo adotou o pensamento ratzeliano quase na íntegra (BASSIN, 1992), ou seja, no texto de 1929, Wittfogel (1985, p. 24) acusa Ratzel de afirmar que a questão geográfica determina a vida política, em contrapartida, ele próprio assegura que o quadro natural determina a vida econômica das diversas sociedades.

Distante de uma concepção de múltiplas determinações, cara ao marxismo, acreditamos que a postura de Wittfogel acaba por ser reducionista. Da mesma forma, Smith (1989, p. 131-132) acredita que Wittfogel ao construir o trabalho como categoria cindida em duas partes acaba por perder de vista sua dimensão histórica. Pode-se acrescentar, ainda, que o erro de seu método é não analisar de maneira historicamente densa as formações sociais, além de não problematizar o aprofundamento das relações entre os países, algo que se intensifica em escala global conforme o capitalismo se desenvolve.

Wittfogel (1985, p. 25) ainda acusa Ratzel de submeter a esfera econômica à política, assim o geógrafo alemão estabelece apenas uma ligação entre Estado e solo. Contudo, Wittfogel em *O Despotismo*, demonstra como as sociedades orientais surgem em função de contingências econômicas - da necessidade da irrigação - e como isso molda a cultura no Oriente. Uma das críticas mais pertinentes que podem ser aplicadas ao seu pensamento sobre o mundo não capitalista é a sua

capacidade de subestimar o desenvolvimento da manufatura na China e na Índia, bem como a dinâmica do comércio e a diversidade de mercadorias produzidas no Oriente.

Nessa época, Wittfogel é representante de uma aproximação cada vez maior entre geografia e marxismo, porém, não seria exagero dizer que o nazismo abortou qualquer tentativa de continuidade de uma geografia marxista. Muitos intelectuais que tinham afinidade com a questão do materialismo geográfico ou foram perseguidos por serem de esquerda ou se alinharam com as forças políticas de direita.

Após a ascensão do nazismo, em uma posição complicada, assim como outros membros da escola de Frankfurt, Wittfogel tenta se evadir da Alemanha pela Suíça, mas é preso, em 1933, na cidade de Singen na companhia de seu amigo L. Blumenthal. Ele é então encaminhado para o campo de concentração em Esterwegen (ULMEN, 1978a, 160-161).

Wittfogel sai do campo, em 1934, com a saúde debilitada devido ao reumatismo. Mesmo que Haushofer tenha dito a sua esposa, Olga Lang, que seu marido estava do lado perdedor, Tuathail (1996, p. 151) indica que ele contactou Rudolf Hess para conversar sobre a situação do prisioneiro. No mesmo ano em que sai do campo de concentração, Wittfogel segue exilado para Inglaterra, onde começa a escrever um romance sobre sua experiência no campo de concentração, sob o pseudônimo de Klaus Hinrichs. De lá, ele segue para os Estados Unidos onde uma nova fase de sua carreira se inicia (ULMEN, 1978a).

Em um primeiro momento, Wittfogel se aproxima dos antropólogos culturalistas e dos pesquisadores que se dedicam à China. Após um extenso estudo sobre a dinastia Liao que dominou o norte da China entre 907-1125, Wittfogel abandona a apatia política se engaja no macarthismo anticomunista. O resultado é o *Despotismo Oriental* publicado, em 1957, obra erudita que se pretende uma análise marxista anticomunista do Oriente e que operacionaliza notadamente o conceito de modo de produção asiático. O que tentamos demonstrar neste artigo é que apesar de uma mudança radical acerca de sua postura política, é possível notar uma continuidade a respeito do seu entendimento do materialismo geográfico. Mesmo que sua interpretação possa ser encarada hoje como limitada e ultrapassada, Neil Smith e Milton Santos, por exemplo, também recorreram ao livro *Ideologia alemã* de Marx e Engels para incorporar ideias sobre uma teoria do espaço geográfico.

Referências

- ANTONIO, Robert J. Review – G. L. Ulmen. The science of society: toward an understanding of the life and work of Karl August Wittfogel. *Telos*, nº 50, St. Louis Telos Press, 1982.
- ASSOCIAÇÃO dos Geógrafos Brasileiros. *Wittfogel: teoria e métodos*. Seleção de textos, n. 20, 1992.
- BASSIN, Mark. Nature, geopolitics and marxism: ecological contestations in Weimar Germany. *Transactions of the Institute of British Geographers*, nova série, vol. 21, nº 2, 1996.
- _____. Geographical determinism in fin-de-siècle marxism: Georgii Plekhanov and the environmental basis of Russian history. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 82, n. 1, p. 3-22, 1992.
- CAPEL, Horacio S. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CARDOSO, Ciro Flamarion (org.); BOUZON, Emanuel; TUNES, Cássio, M. de M. *Modo de produção asiático – nova visita a um velho conceito*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GEORGE, Pierre. *Geografia econômica*. São Paulo: DIFEL, 1978.
- GREFFRATH, M.; RADDATZ, F. J.; KORZEC, M. Conversations with Wittfogel. *Telos*, St. Louis, Telos press, nº 43, p. 143-174, 1980.
- HEPPLE, Leslie W. Socialist geography in England: J. F. Horrabin and a worker's economic and political geography. *Antipode*, nº 31, vol. 1, p. 80-109, 1999.
- KLEINSCHMAGER, R. Géographie et idéologie entre deux guerres. *L'Espace Géographique*, nº 1, p. 15-28, 1988.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto: Edições Afrontamento, 1966 [1930].
- LOSANO, Mario G. Karl Haushofer (1869-1946): o pai da geopolítica das ditaduras europeias. *Verba Juris*, ano 7, n. 7, p. 447-474, 2008.
- LUKÁCS, G. Technology and social relations. *New Left Review*, vol. I, nº 39, 1966.
- MARX, Karl. A Dominação britânica na Índia. *New-York Daily Tribune*, nº 3804, de 25 de Junho de 1853. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/06/10.htm>>, acesso em 25/02/2015.
- _____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.
- SAWER, M.; G.V. Plekhanov and the Relationship between Geographical Determinism and Historical Materialism. *Political Science*, vol. 27, n. 1 & 2, p. 117-123, 1975.
- SILVA, Altiva B. da. A renovação da geografia na Alemanha nas primeiras décadas do século XX. *Revista Acta Geográfica*, ano I, vol. 1, 2007.
- SMITH, Neil. Rehabilitating a renegade? The geography and politics of Karl August Wittfogel. *Dialectical anthropology*, nº 12, p. 127-136, 1987.
- SODRÉ, N. W. *Introdução à geografia: geografia e ideologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.
- TUATHAIL, Gearóid Ó. *Critical geopolitics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- ULMEN, G. L. (org.). *Society and history – essays in honor of Karl August Wittfogel*. Paris/Nova York: Mouton Publishers, 1978.
- ULMEN, G. L. *The science of society – toward an understanding of the life and work of Karl A. Wittfogel*. The Hague: Mouton publishers, 1978a.
- WITTFOGEL, Karl A. Geopolitics, geographical materialism and marxism. *Antipode*, vol. 17, nº 1, 1985, p. 21-75 [tradução para o inglês de G. L. Ulmen].
- _____. *The oriental despotism*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1957.

Sobre o autor

Breno Viotto Pedrosa: Professor da Unifersidade Federal do Rio Grande do Sul, é doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), onde também se graduou em Geografia. Desenvolve pesquisas sobre epistemologia e história da Geografia e história do planejamento regional.

* * *

ABSTRACT

Karl A. Wittfogel against the geopolitics: a reading on geographical materialism

This article analyzes the theoretical position formulated by Karl August Wittfogel in his article "Geopolitics, geographic materialism and Marxism" published in 1929. In this fundamental text, the author attacks the geopolitics method and materialists intellectuals, aspiring to formulate a Marxist interpretation for relationship between man and environment. This attempt proposes an interpretation of Marxian thought influenced by G. Plekhanov's perspective. Pioneer in this debate which will only be resumed during critical geography, Wittfogel makes methodological choices that will persist in his work.

KEYWORDS: Karl A. Wittfogel, Marxism, Geopolitics, Materialism, Plekhanov.

RESUMEN

Karl A. Wittfogel contra la geopolítica: una lectura sobre el materialismo geografico

Este artículo analiza la posición teórica formulada por Karl August Wittfogel en su artículo "Geopolítica, materialismo geográfico y marxismo" publicado en 1929. En este texto fundamental, el autor ataca la geopolítica y los materialistas con el objetivo de formular una interpretación marxista para la relación entre el hombre y medio. Tal intento propone una interpretación del pensamiento marxista influenciado por la lectura de G. Plekhanov. Pionero en este debate que solo se reanudará durante la geografía crítica, Wittfogel toma decisiones que persistirán en su trabajo.

PALABRAS CLAVE: Karl A. Wittfogel, Marxismo, Geopolítica, Materialismo, Plekhanov.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>